

COMENTARIO DE LIVRO

Prof. Ingo Voese

Concluída a leitura de "História da Lingüística" de J. Mattoso Câmara Jr., cabe colocar, em primeiro lugar, algumas observações que nos serão úteis ao comentar a obra do ilustre lingüista brasileiro. A obra é o resultado de um curso que o autor ministrou na University of Washington, em 1962. A tradução do original, escrito em inglês, foi feita pela Prof^a Maria do Amparo Barbosa de Azevedo, docente da PUC de São Paulo e da USP. O fato de a matéria do livro que acaba de ser lançado pela Ed. Vozes, constituir-se no conteúdo de um curso, explica, talvez, a dificuldade de se redizer, em uma síntese, a obra, porque ela própria já é um apanhado rápido e reduzido. É evidente que a tentativa de reconstituir, em uma obra de apenas 195 páginas, a história do que se afirmou, pelo tempo afora, sobre a natureza da linguagem, constitui-se em uma tarefa nada fácil. A característica sintetizante e alistativa de M. Câmara é, talvez, explicável a partir de um objetivo didático imediato: o de dar aos participantes do curso, não uma possibilidade de reverem com certa profundidade as posições assumidas, no transcurso da história, por filósofos, filólogos e lingüistas diante da linguagem, mas o de construir uma visão geral, globalizante da história da lingüística. Não pretendemos, porém, afirmar que as posições das principais figuras citadas não estejam caracterizadas com clareza. A tentativa, porém, de citar apenas o estritamente necessário para constituição de uma ordem cronológica das idéias lingüísticas, confere à obra a dimensão de uma introdução aos estudos da história da lingüística.

A obra, entretanto, apesar de sucinta, é de uma clareza extraordinária. A visão perspicaz e esclarecedora de M. Câmara causa-nos uma admiração muito grande, especialmente quando se sabe sob que condições a lingüística existiu (?) no Brasil na época em que viveu o autor.

Colocado este rápido comentário, passaremos à reconstituição de "História da Lingüística".

A OBRA

No capítulo I, o autor, além de determinar o que entende por linguagem, coloca os elementos categoriais a partir dos quais pretende delinear a história da lingüística.

A linguagem, para M. Câmara, "é algo trivial em nossa vida social. Os homens falam tão natural e espontaneamente como caminham." (1) Entretanto, convém observar que "Embora não seja a linguagem um fenômeno biológico como o caminhar, mas uma criação social baseada nas capacidades biológicas, o falar torna-se tão mecânico na vida social que é considerado auto-evidente e não se faz qualquer esforço para analisá-lo." (2)

Esta colocação do autor, feita em 1962, isto é, há mais de 12 anos, parece ainda servir para as discussões que se travam nos dias atuais em torno do surgimento da linguagem no homem. E a partir

desta passagem, o texto delinea algumas dificuldades que se antepõem a quem pretenda estudar a linguagem. Isso leva, ao longo da história, a diferentes tipos de abordagens que M. Câmara distribuiu da seguinte forma:

1. **Abordagem pré-lingüística:**
 - 1.1. O Estudo do Certo e do Errado
 - 1.2. O Estudo da Língua Estrangeira
 - 1.3. O Estudo Filológico da Linguagem
2. **Abordagem paralingüística:**
 - 2.1. O Estudo Biológico da Linguagem
 - 2.2. O Estudo Histórico da Linguagem
 - 2.3. O Estudo Descritivo da Linguagem

O autor explica estes tipos de abordagens e, pelo fato de, até um determinado momento da história (séc. XIX) não aparecer o tipo de abordagem "lingüística", somos inclinados a admitir que a obra tratará dos acontecimentos e personagens a partir desta época. O próprio autor afirma, à página 13, que "uma história da lingüística deveria concentrar sua atenção na Europa do séc. XIX até os nossos dias, incluindo, naturalmente, a América, como uma extensão da cultura européia..." É evidente que o autor se dá conta de que o esquema que se propôs utilizar, deve partir de um pressuposto teórico em relação à história para que seja operacionável: "Não devemos esquecer, todavia, que história nada mais é que um desenvolvimento contínuo." (3)

Ora, isso possibilita colocar os estudos pré-lingüísticos e paralingüísticos dentro de uma ordem em que figuram como "antes" da lingüística propriamente dita. M. Câmara postula a presença destes dois tipos de abordagens como uma introdução à história da lingüística, apesar de continuarem até os nossos dias, como estudos paralelos aos considerados científicos.

Em resumo, é no capítulo I que o autor se propõe a maneira como vai abordar o estudo da história da lingüística, o que faz de forma clara e precisa. E, colocados os pressupostos, e admitindo-os como necessários, válidos ou não, resta-nos acompanhar o autor até a antiguidade clássica, na Índia e na Grécia, onde se estabelece o ponto de partida.

"Na antiguidade, o estudo da linguagem foi totalmente desenvolvido na Índia e na Grécia. Encontramos em ambos os países "O Estudo do Certo e do Errado", "O Estudo Filosófico" e "O Estudo Filológico da Linguagem". (4)

São citados os nomes de Panini (Índia), e Heráclito, Parmênides, Platão e Aristóteles (Grécia). Os romanos são citados no capítulo II.

Nos capítulos seguintes, M. Câmara procura situar os diferentes tipos de abordagens, posições dentro destas abordagens e principais acontecimentos relacionados ao estudo da linguagem a partir da Idade Média. Analisa a importância da língua latina e a sua queda por razões de ordem político-filosófica. No séc. XVII surgem Lancelot e Arnaud com a "Gramática de Port-Royal".

Se até o séc. XVI predominaram, com exclusividade, os estudos

pré-lingüísticos e paralingüísticos, surge no séc. XVII o estudo histórico, quando se procura analisar o hebraico como a língua original da humanidade.

E com a presença de Humbolt, Rask e Schlegel, a abordagem histórica ganha consistência, para com Franz Bopp constituir-se como uma nova maneira de investigar a linguagem e que precisa ser aprofundada. Há uma preocupação em determinar a língua original e os estudiosos aplicam-se, para tal, especialmente ao campo da fonética, verificando ali todas as transformações ocorridas. Tenta-se o estabelecimento de leis gerais e, através delas, a reconstituição de todo um passado. Além dos nomes citados, M. Câmara destaca Grimm como o primeiro lingüista a desenvolver um tratamento sistemático da mudança fonética.

Dado o interesse por Panini e verificadas algumas semelhanças entre o sânscrito e as línguas mais conhecidas da Europa, instalam-se os estudos indo-europeus. Sempre há o interesse em determinar uma origem, o que, evidentemente, impedia a constituição de uma ciência da linguagem.

É na segunda metade do séc. XIX que se modifica este tipo de abordagem. Surge Schleicher, postulando um lugar para a lingüística no âmbito das ciências da natureza, em oposição à filologia, que via como um ramo da história.

“Dessa maneira, o desenvolvimento da linguagem, não era por ele considerado como desenvolvimento histórico, como de todos os outros traços da sociedade humana. Comparava-o ao desenvolvimento de uma planta com suas leis fixas de crescimento e morte. A linguagem era vista como algo da natureza, ou seja, um animal ou uma planta.” (5)

Não há mais o estudo histórico? Surgem os neogramáticos. Brugmann afirma que o único estudo científico da língua é o estudo histórico. Os debates se acirram, os neogramáticos passam a ter as suas idéias aceitas em quase toda a Europa, tanto que se pode falar de um abordagem “neogramática” em lingüística. Além de Brugmann, há a presença marcante de Hermann Paul, com seu “Princípios de História Lingüística”.

Surgem, porém, ainda no séc. XIX, oposições aos neogramáticos com Wundt, Schuchardt e Marty. Este último é pioneiro por advogar abordagem descritiva. E mais:

“O uso do termo Semasiologia é também um traço pioneiro. Ele viu a linguagem humana como um aspecto particular da Ciência dos Sinais em geral e deu a esse aspecto o nome grego de “semasiologia” ou, em alemão, “Bedeutungslehre” (“A Ciência do Significado”). (6)

Depois de citar Diez e Whitney, nos capítulos XIV e XV, e caracterizar sua importância para a lingüística românica e gramática comparativa, respectivamente, passa à observação, no capítulo XVI, de uma nova abordagem: a geografia lingüística. É Ascoli que, através do estudo dos dialetos italianos, funda a dialetologia. Quem, porém, cria a “geografia lingüística” é Gillieron, apoiado pelo foneticista Rousselot, com seu “Atlas Lingüístico da França”. É a “lingüística areal”, isto é,

a classificação das áreas lingüísticas. E em oposição ao termo "neogramático" usa-se o termo "neolinguista".

Marty já esboçara uma ciência descritiva. E é Saussure que formaliza os princípios desta nova abordagem:

1. A linguagem é um sistema de signos.
2. A abordagem sincrônica deve existir ao lado da diacrônica.
3. O signo é arbitrário.
4. A lingüística é uma ciência que é parte de outra mais geral, a Semasiologia.

Nos capítulos XVIII, XIX, XX e XXI, o autor da "História da Lingüística" aponta a influência do pensamento saussureano nos lingüistas da época. Quando fala dos discípulos, qualifica-os em dois tipos diversos:

- a) os que tenatram discutir e aclarar as idéias essenciais da doutrina de Saussure;
- b) os que partiram desta doutrina para investigar áreas da lingüística que ele deixara intactas.

Entre os primeiros situam-se Sechehaye, Gardiner, Vendryes e, no segundo grupo, Meillet e Bally. Em rápidos toques, M. Câmara descreve a importância de cada um.

Após analisar a influência de Saussure, M. Câmara se aproxima, no capítulo XXII, de um estudioso não-saussureano: Jespersen, que propõe:

1. que não deve existir separação entre abordagem diacrônica e sincrônica;
2. que o signo não deve ser definido como tendo o caráter de arbitrariedade.

Jespersen é um dos elementos que se opõem às concepções saussureanas. No capítulo XXIII, são citados alguns membros do grupo dos "idealistas": Vossler, Croce e Pagliaro. Nos capítulos seguintes são situadas novas dimensões do estudo histórico da linguagem com Pidal e Marr. E, ao retomar o campo da fonética e explicitar seu desenvolvimento como ciência pré-lingüística, a partir, especialmente de Roussetot e Grammont, e, mais tarde, de Jespersen e Stumpf, o autor da obra em análise, aproxima-se de B. de Courtenay e dos componentes do Circulo Lingüístico de Praga, para acompanhar a formação do conceito de fonema. Quando fala de Courtenay, diz textualmente: "Admitia a distinção entre os sons que eram realmente emitidos e os que os talantes acreditavam fazê-lo e os ouvintes julgam ouvir. Os primeiros se constituem no objeto de investigação da fonética; mas os últimos tinham um conteúdo lingüístico, uma vez que é por meio destes sons "pretensamente" emitidos que a comunicação se realiza". (7)

M. Câmara, em seguida, aborda as idéias dos componentes do Circulo de Praga, especialmente Trubetzkoy, Jakobson e Karcevski. Situa Daniel Jones como um dos lingüistas da época que mais resistência ofereceu à distinção entre fonética e fonologia, para, então, no capítulo XXVIII encontrar-se com a lingüística na América. "Nas primeiras décadas do séc. XX, a lingüística chegou, também, a um ponto decisivo

nos Estados Unidos da América.

Já vimos como nos meados do século XIX, o trabalho de Whitney, não só como lingüista geral, como também como sanscritista, recebeu pleno reconhecimento na América e na Europa. Depois dele, a América continuou no mesmo ritmo dos estudos europeus. A filologia e a lingüística nos moldes neogramáticos tiveram grande impulso naquele país e, hoje, se encontram em total desenvolvimento." (8)

Situa, em seguida, Boas e Sapir, para destacar a importância da abordagem antropológica que levou à descrição das línguas indígenas norte-americanas, fato, sem dúvida importante para o progresso da lingüística descritiva. Em Sapir, há três posições importantes a situar:

1. O estudo descritivo deve voltar-se à descoberta dos padrões intrínsecos de uma língua.
2. O estudo do impulso lingüístico (estruturalismo diacrônico) não deve ser desleixado.
3. Devem ser estudadas "as inter-relações entre língua e pensamento a fim de ver até que ponto a língua é levada a infringir a atividade mental de uma comunidade lingüística e a dirigir a visão coletiva da vida e do universo dentro daquela comunidade." (9)

A importância das idéias de Bloomfield explicita-se no cap. XXIX:

"Daí ser a lingüística histórica dependente dos princípios estruturais gerais de lingüística descritiva e podemos dizer com segurança, que, para Bloomfield e sua escola, a técnica descritiva é o fundamento básico de estudo lingüístico." (10)

Os seguidores de Bloomfield (Harris, Hockett, Bloch e Trager, A. Hill, Pike, Nida e outros), em consequência da preocupação em torno da técnica descritiva, vão esgotar as possibilidades da lingüística com a análise dos constituintes imediatos.

Nos últimos capítulos do livro, são colocadas as posições teóricas de outros lingüistas. Em torno da análise do significado, agrupa M. Câmara, ainda, Bronckal, Hjelmslev e Martinet. Os dois primeiros tentam estabelecer uma teoria geral da linguagem, "da qual a lingüística deveria ser derivada dedutivamente". Martinet vê a possibilidade de uma lingüística diacrônica estrutural. Ogden Richards, Chomsky e Cassirer, além de S. Ullmann, são citados como figuras que se destacam no estudo do significado, o que vem a constituir-se, de certa forma, em uma nova ciência, a Semântica.

CONCLUSÃO

Há historiadores que escolhem organizar os fatos históricos a partir de critérios diferentes dos de M. Câmara. Enquanto este tenta ordenar a história da lingüística a partir de sete tipos de abordagens diferentes, Georges Mounin, por exemplo, em "Lingüística do Séc. XX", parte de algumas grandes doutrinas, ignorando o que a elas não é pertinente, citando, conseqüentemente, só os personagens que podem ser considerados precursores destas doutrinas.

M. Câmara, depois de estabelecer o tipo de abordagem, tem a preocupação de citar todas as figuras que tiveram presença destacada dentro da corrente. Isto faz com que praticamente 2/3 de sua obra se dediquem ao estudo da linguagem de épocas anteriores ao surgimento da lingüística propriamente dita. São relativamente poucos os capítulos que situam historicamente a lingüística descritiva. O autor, evidentemente, considera "O Estudo Histórico da Linguagem" como de nível científico, o que ainda não é aceito, hoje, pacificamente por todos os lingüistas.

Apesar de se poder discordar de M. Câmara em alguns aspectos é preciso, porém, reconhecer que a obra tem grandes méritos pela sua coerência, clareza e dimensão didática.

QUADRO DE CITAÇÕES:

- (1) — CAMARA JR., J. Mattoso. "História da Lingüística". Petrópolis, Vozes, p. 9
- (2) — Idem, ibidem, página 9
- (3) — Idem, ibidem, página 13
- (4) — Idem, ibidem, página 15
- (5) — Idem, ibidem, página 51
- (6) — Idem, ibidem, página 84
- (7) — Idem, ibidem, página 162
- (8) — Idem, ibidem, página 167
- (9) — Idem, ibidem, página 171
- (10) — Idem, ibidem, página 175